

Correndo contra o tempo

Por que nunca estamos satisfeitos com a quantidade de horas passadas no lazer?

ANDRÉ BOAVENTURA, ANDRÉA PEREIRA, JOÃO EDUARDO VEIGA E ROBERTO DIAS

andreboa@hotmail.com • andreal@ism.com.br • sparkazul@yahoo.com • rick_ferreira@ig.com.br

Quanto tempo livre tem uma pessoa que acorda às 5h da manhã para ir trabalhar e chega em casa à 1h da madrugada? A garçonete e *office-girl* Vânia Cristina Ferreira, de 24 anos, faz esta pergunta todas as quartas, quintas e sextas, dias em que cumpre esse horário: "Quase não vejo meu marido. Ao sair de manhã, dou um beijo nele quando ainda está dormindo. Depois, só de madrugada, quando ele me busca no ponto de ônibus", afirma.

Quando acorda, Vânia, que mora em Santa Cruz, toma um banho rápido e sai em direção ao ponto de ônibus, sem café da manhã. Sua condução passa às 6h50min, mas ela tem de chegar 50 minutos antes para garantir lugar, pois a fila é grande. Dali em diante, serão três conduções até chegar no seu primeiro emprego do dia, em Santa Teresa, onde ficará até às 17h. Seu outro trabalho, como garçonete num teatro, tem início às 19h, e ela só sai às 22h30min.

Vânia diz que gostaria de ter mais tempo para dormir e fazer



A *office-girl* Vânia Cristina fica 21 horas fora de casa de quarta a sexta-feira

exercícios físicos. Ela, que dedica 21 das 24 horas diárias a seu trabalho durante três dias da semana, reconhece que não faz o que mais gosta há muito tempo: "Há um mês não faço ginástica".

Vânia é um exemplo extremo do que acontece no cotidiano dos brasileiros. Em pesquisa realizada pela revista *Eclética*, 72,5% das pessoas responderam que passam a maior parte do dia no trabalho ou

estudando (ver quadro). Quando perguntadas sobre o que mais as fazem perder tempo, a maioria responsabilizou as invenções e os adventos do século XX pelo tempo "jogado fora". As respostas mais comuns enfatizaram as horas perdidas dentro de carros e ônibus, na internet, em telefonemas e até em filas de banco – todos instrumentos criados para dinamizar a vida do homem.

Por outro lado, quase tudo o que as pessoas gostariam de ter mais tempo para fazer é relacionado ao lazer: esporte, música e sair com amigos são algumas destas atividades. Assim como Vânia, 47,5% dos entrevistados responderam que não conseguem fazer o que gostam há muito – um período que varia entre uma semana e dois meses.

Ontem e hoje


Será que isso significa que a humanidade tem hoje menos horas de lazer do que em épocas passadas? Sergio Duarte Velasco, consultor na Área de Estratégia, Planejamento e Finanças e autor do livro *Futuro: prepare-se*, acha que não. O especialista afirma que pensar no passado recente como uma época onde as pessoas tinham mais tempo livre é uma ilusão. Ele diz que o trabalhador tem essa sensação, mas na realidade, "as pessoas nunca assistiram a tanta televisão como atualmente". O problema, segundo o consultor, é que "o trabalhador não se programa para o lazer. Ele se deixa ser escolhido, deixa seu trabalho decidir por ele".

Os artigos publicados por Denise Neumann no jornal O Estado de S. Paulo, na série *Perspectivas do século XXI*, apontam para a mesma conclusão no que diz respeito ao tempo gasto pelo homem contemporâneo com suas atividades profissionais. O primeiro artigo informa que o brasileiro chega ao fim do século XX dedicando 15% de sua vida ao trabalho, 50% a menos do que no início do século.



Anos 50: a inovação tecnológica começa a fazer parte do lazer

Naquela época, a expectativa de vida era de 34 anos, dos quais 30% eram passados no emprego, quando as jornadas diárias chegavam a 14 horas.


Como tudo na sociedade, o lazer é transformado em mercadoria. As pessoas vendem trabalho e compram diversão.

Não se pode esquecer, no entanto, que as massas da sociedade atual se espremam nas megalópoles, regidas por níveis de desigualdade social mais acentuados que os de antigamente. Assim, o cidadão não pode contar apenas com seu expediente fixo e busca soluções para aumentar a renda, como as horas-extras e o segundo empre-

go. Este é o caso de Vânia.

Além destes, são muitos os fatores que fazem com que as pessoas tenham a impressão de que gastam muito tempo com o trabalho e pouco com o lazer: apesar de a tecnologia ter, gradualmente, substituído a mão-de-obra humana e proporcionado mais tempo livre para os homens, a mecanização produziu, primordialmente, o desemprego. Para ilustrar essa relação, em 1964, a indústria automobilística do Brasil empregava 44 mil trabalhadores e produziu 104 mil carros. Em 1998, 34 anos depois, as montadoras contavam com 83 mil metalúrgicos mas o aumento no número de automóveis produzidos foi infinitamente maior: 1,5 milhão, segundo dados da Organização Internacional do Trabalho.


"O lazer não deve ser convertido em mercadoria, mas é como as pessoas o enxergam muitas vezes. Elas trabalham e sentem que compram o lazer com o próprio suor. Logo, a mecânica

implícita é a seguinte: as pessoas vendem o trabalho e compram o lazer. Dessa forma, os trabalhadores usam a mesma lógica da busca incessante da produtividade, e tentam fazer seu tempo livre render", afirma a professora Heloisa Turini Bruhns, coordenadora do Departamento de Estudos do Lazer, da Unicamp.

Até mesmo as doenças dos empregados mudaram por conta do ritmo desenfreado e da nova relação que as pessoas têm com seu tempo. Marcio Pochmann, diretor do Centro de Estudos Sindicais e da Economia do Trabalho (Cesit), da Unicamp, afirma que os trabalhadores exercem maior controle sobre suas funções e, assim, pensam nelas mesmo fora do horário do expediente. As doenças profissionais, antes relacionadas à fadiga ou até a acidentes na indústria, hoje estão diretamente vinculadas à mente, criando moléstias psicossomáticas decorrentes do estresse, da ansiedade e da má alimentação.



O trânsito é onde se perde mais tempo por dia nas grandes cidades


**De nada adianta
existir todo o
aparato tecnológico
que facilita a vida
social, se 60% da
população mundial
não tem acesso aos
benefícios desta
tecnologia.**

Condições políticas

Por mais que muitos especialistas afirmem que o ser humano, em média, tem cada vez mais tempo livre, o fato é que realidades como a de Vânia Cristina parecem desmenti-los. Quando perguntada sobre o que faria se tivesse uma hora livre a mais por dia, ela respondeu: "Um curso técnico de informática". Somente no trânsito, ela gasta a cada manhã as horas correspondentes a duas

aulas de computação, o que ilustra a distância entre as funções que deve desempenhar e as atividades que gostaria de fazer.

Em outro artigo publicado por Denise Neuman, o renomado professor e geógrafo Milton Santos faz o seguinte comentário, que se aplica muito bem ao caso de Vânia: "As condições técnicas para liberar o homem do trabalho e ampliar o tempo livre estão dadas. As condições políticas é que precisam ser criadas." Em outras palavras, de nada adianta existirem carros que andam 20 vezes mais rápido que o homem e todo o aparato tecnológico que facilita a vida social, se 60% da população mundial não tem acesso aos benefícios desta tecnologia. Ou mesmo, se esta tecnologia encontra obstáculos na sua própria massificação, como engarrafamentos ou a sobrecarga nos provedores de internet.

Milton Santos observou também que a técnica continuou avançando, mas perdeu de vista a busca do bem-estar. Ele ponderou que o progresso social ficou estagnado neste fim de século XX, e que o divórcio entre a técnica e o bem-estar se deu por causa da globalização, que atropelou movimentos sociais como férias remuneradas e o apoio do Estado a atividades lúdicas e culturais. Autor do livro *Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal*, o último publicado antes de sua morte, em 2001, Milton Santos afirma que a chamada aldeia global só serviu para trazer desemprego às regiões periféricas e retirar o Estado da vida das pes-

soas. Dessa forma, nem mesmo o tempo livre que o homem tem "pode ser usufruído de forma gostosa, pois é ocupado para lastimar a falta de emprego".

Sociedade de consumo

É a busca da sobrevivência e o medo do desemprego que fazem pessoas como Vânia abraçarem de forma tão definitiva suas árduas rotinas de trabalho. Analisar a palavra negócio, por exemplo, é um atalho para entender a origem das mazelas da sociedade de consumo: o termo, que resume em si mesmo a alma do capitalismo, vem de *negotiu*, ou negação do ócio, em latim. Deste ideal, surgiu o sólido elo entre o valor

do trabalho e a economia de mercado, que andaram lado a lado através dos últimos três séculos, insuflados pela ética protestante e a ascensão da burguesia.

Em 1886, os trabalhadores das indústrias inglesas, organizados em sindicatos, conseguiram, pela primeira vez, a diminuição na jornada de trabalho. Os donos do capital, por sua vez, perceberam o grande potencial de consumo que representavam os trabalhadores em seu tempo de descanso, o que levou a um magnífico investimento na hoje bilionária indústria do entretenimento. A convergência destes dois interesses aparentemente apontava para a melhoria na qualidade de vida

das pessoas. Mas a entrada no século XXI comprovou o fracasso desta utopia.

Na era em que tudo é massificado, desde a quantidade de informações recebidas pelo ser humano até o volume de tarefas que ele precisa desempenhar, talvez haja uma explicação que alivie a aflição de Vânia e de outras bilhões de pessoas que vivem como ela: dizer que o sofrimento com o excesso de trabalho e com a falta de tempo livre não se deve à sua incapacidade de entrar no mundo do mercado. É que este mesmo mercado produziu um ritmo tão acelerado de funcionamento que nenhum homem é capaz de acompanhar.

Como você usa seu tempo?

1. O que mais toma seu tempo no dia-a-dia?

Trabalho e estudo	72,5%
Trânsito	17,5%
Outros	10,0%

2. Em que você perde mais tempo no cotidiano?

Trânsito	50,0%
Internet	25,0%
Filas	10,0%
Outros	15,0%

3. Se você tivesse uma hora a mais por dia, o que você faria?

Lazer em geral (sair, ouvir música, etc)	67,5%
Dormir	20,0%
Ginástica	12,5%

4. O que você geralmente faz, ou mais gosta de fazer, no seu tempo livre?

Ler	32,5%
Cinema e Shows	17,5%
Ficar com a família	15,0%
Outros	35,0%

5. Há quanto tempo você não faz o que mais gosta no seu tempo livre?

De uma semana a dois meses	47,5%
Menos de uma semana	30,0%
Mais de dois meses	22,5%